

QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS ATRAVÉS DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA UTILIZANDO OS ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE ENSINO E RODA DE CONVERSA COM CIENTISTAS NEGRAS

**Anderson Miguel dos Santos da Paz, Universidade do
Estado do Rio de Janeiro (Uerj),
andersonmiguel dossantos@hotmail.com**

**Maria Beatriz Dias da Silva Maia Porto, Universidade do
Estado do Rio de Janeiro (Uerj),
mbeatrizdsmp@gmail.com**

Eixo Temático: Formação de professores e práticas em educação básica

RESUMO

O presente trabalho investigou a inserção dos espaços não-formais de ensino no currículo de Ciências da Educação Básica a partir da visão de seu público, principalmente os discentes do segundo segmento do Ensino Fundamental. De acordo com Bruce Freitas (2016) e Andréa Inês Goldschmidt (2016) é comum, ao indagarmos um jovem sobre a figura do cientista e o fazer científico, que este jovem apresente uma visão reduzida e estereotipada acerca dessas temáticas, limitando a produção de ciências a laboratórios tradicionais de química, onde se utilizam vidrarias e equipamentos de segurança como jaleco branco e óculos de proteção, e que descreva o cientista como um homem branco de meia idade, QI elevado e que na maioria das vezes trabalha de forma isolada. Este trabalho tem como objetivo a desconstrução dos estereótipos mencionados a respeito do “fazer científico” e seus atores trazidos pelos jovens, e promover também junto aos jovens, a Alfabetização Científica segundo os pressupostos de Attico Chassot (2003) e Lúcia Helena Sasseron e Anna Maria Carvalho (2011). A pesquisa é caracterizada como qualitativa, exploratória e utiliza fundamentos da Pesquisa-ação. Parte de sua efetivação consistiu na realização de quatro encontros, três deles compreendendo atividades que compõem o produto educacional fruto desta pesquisa, um guia de atividades a serem realizadas em espaços não formais de ensino, com alunos do nono ano de escolaridade de uma escola pública localizada no município de Seropédica – Rio de Janeiro. O primeiro encontro se deu para explicação a respeito dos procedimentos das atividades e as etapas em que o trabalho se desdobraria; o segundo e terceiro encontros consistiram de aulas-passeio em dois espaços não-formais de ensino, quais sejam: Jardim Botânico e Museu de solos do Brasil, ambos localizados na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Nesses espaços, os participantes foram inseridos no “fazer científico”, para além daquele que produz grandes explosões resultantes da mistura de elementos químicos, e conheceram de perto cientistas que em seus laboratórios, estes muitas vezes a céu aberto, que não necessitam de jaleco branco no seu cotidiano. No quarto e último encontro foi realizada uma roda de conversas com cientistas negras pesquisadoras das áreas de Astronomia, Botânica e Química. As cientistas fizeram

relatos sobre suas trajetórias de vida até atingirem um lugar no mundo científico. Os estudantes participantes registraram suas impressões de cada etapa das atividades realizadas nos quatro encontros em um diário de campo que, ao final dos encontros, foram entregues ao pesquisador para serem organizadas em um diário denominado “Memórias dos dias que fomos cientistas...”. Paralelamente às atividades com os alunos, foi elaborado um questionário aberto, via formulário do *google* e divulgado eletronicamente a professores de Ciências. O objetivo do questionário era sondar como o currículo atual desta disciplina vem sendo praticado nas salas de aula. Os resultados da sondagem revelaram que poucos docentes inserem os espaços não-formais de ensino em suas atividades curriculares, e tampouco trabalham a questão do “fazer científico” em suas salas de aula. Os dados coletados nos diários de campo dos alunos (falas, expressões, balbuciações etc.) ao longo das atividades, assim como as respostas dos questionários enviados aos professores, foram categorizados e analisados, tomando como referência a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2020). Como resultados, pode-se observar que os espaços não-formais são ferramentas que apresentam potencial para a desconstrução da visão reduzida do “fazer científico” e de seus atores, bem como um dos meios para a promoção da Alfabetização Científica. Os resultados mostram ainda a necessidade das formações docentes pautadas na compreensão da Alfabetização Científica, com o objetivo de promovê-la nos currículos escolares ofertados na Educação Básica.

Palavras-chave: Alfabetização Científica; Cientistas Negras; Espaços não-formais de Ensino; Fazer Científico.